

O PAPEL DA EDUCAÇÃO INFANTIL NA APROPRIAÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA: UMA REVISÃO DE LITERATURA

CARMEN STELA VASCONCELOS COSTA GADELHA¹
GEOVANA MEIRE GOMES FRANCO DE ALBUQUERQUE²

RESUMO

Este trabalho investiga o tema linguagem escrita e Educação infantil, tendo como objetivo principal discutir, a partir de uma revisão de literatura, o papel da Educação Infantil no processo de apropriação da linguagem escrita pelas crianças de 4 e 5 anos. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, considerando-se como base teórica as reflexões subjacentes às obras mais recentes de Soares (2021), Morais (2012) e Brandão e Rosa (2018; 2021). Os resultados desse estudo verificam que a Educação Infantil é um ambiente potencialmente favorecedor de experiências que contribuem para a apropriação do Sistema de Escrita Alfabética de forma significativa, levando em conta os saberes e interesses das crianças, por meio da leitura, escrita e brincadeira.

Palavras-chave: Linguagem escrita; Alfabetização; Educação Infantil;

- 1 Professora efetiva da rede municipal de Fortaleza. Graduada em pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Especialista em Educação Infantil e Alfabetização pela Faculdade do Vale do Jaguaribe - FVJ. Mestranda em Linguística Aplicada - POSLA/UECE. Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Alfabetização - GEPA/UFC. <http://lattes.cnpq.br/9594903713480343> e-mail: carmenstela07@gmail.com
- 2 Professora efetiva da rede municipal de Fortaleza. Graduada em pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Especialista em Alfabetização e Multiletramentos(UECE) e Especialista em Ensino de Língua Portuguesa (UECE) Mestranda em Linguística Aplicada - POSLA/UECE. Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Alfabetização - GEPA/UFC <http://lattes.cnpq.br/1091432766718629> e-mail: geovana.albuquerque@aluno.uece.br

INTRODUÇÃO

Constantemente, professoras³ de Educação Infantil⁴, doravante E.I., convivem com situações diversas no contexto escolar que volta e meia suscitam uma questão bem polêmica: Podemos alfabetizar crianças de 4 e 5 anos? Precisamos compreender o que há por trás dessa questão pois muitas vezes, precede à pergunta, uma concepção de alfabetização mais tradicional, entendida como aquisição de código, e que de uma forma geral, é admitida pela sociedade. Talvez por isso, estudiosos não concebem falar-se sobre isso na pré-escola, com o receio, compreensível, de que práticas ruins sejam efetivadas com crianças pequenas. Contudo, esse silenciamento as protege?

Continuamos vendo em escolas privadas e públicas, práticas que permeiam essa concepção mais tradicional de alfabetização e que muitas crianças se alfabetizam ainda na E.I. Por outro lado, algumas escolas dão ênfase a outros tipos de linguagem, desfavorecendo a linguagem escrita. Nesse caso, apenas são oferecidas práticas de letramento sem foco na análise da língua e nos conceitos que contribuem para a apropriação do Sistema de Escrita Alfabética - SEA, de uma forma mais sistemática.

Esse cenário é perfeitamente percebido em conversas informais e nos encontros pedagógicos com colegas de E.I. e anos iniciais do ensino fundamental. Nesses relatos, inclusive, podemos observar discursos de cobranças e questionamentos sobre o papel da E.I. no processo de aquisição da linguagem escrita. Essas indagações e desconhecimento, por vezes não valorizam as práticas vivenciadas na pré-escola como importantes no processo de aprendizagem da língua escrita pelas crianças ou trazem cobranças indevidas.

Nosso trabalho, portanto, justifica-se principalmente, ante aos sentimentos dicotômicos dentro da escola acerca desse contexto, o

- 3 Optamos por nomear no feminino as educadoras que trabalham na Educação Infantil por compreenderem o maior público nesta etapa da educação básica.
- 4 A Educação Infantil, como posto na Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2017), compreende a primeira etapa da educação básica. Divide-se em creche, que atende bebês e crianças muito pequenas (1 a 3 anos), e pré-escola, que abrange crianças pequenas de 4 e 5 anos. Dessa forma, em nosso trabalho, por vezes vamos nos referir ao público alvo de nosso estudo por crianças pequenas, crianças pré-escolares ou crianças de 4 e 5 anos.

que nos levantou a seguinte questão central: Qual o papel da E.I. no processo de apropriação da linguagem escrita pelas crianças de 4 e 5 anos? Entendemos que refletir sobre isso, fomenta o debate e contribui para melhorias no intuito de contribuir para pesquisas futuras que estejam comprometidas com a melhoria e eficiência dos processos que envolvem a apropriação da escrita pelas crianças desenvolvidas na E.I., prestigiando essas práticas e respeitando suas especificidades.

Nosso estudo objetiva discutir, a partir de uma revisão de literatura, o papel da Educação Infantil no processo de apropriação da linguagem escrita pelas crianças de 4 e 5 anos. Faremos um levantamento bibliográfico, levando em conta aspectos qualitativos, conceitos e perspectivas envolvidos nas práticas oportunizadas às crianças em idade pré-escolar que favorecem a aprendizagem da língua escrita, revisando as obras de Morais (2012), Soares (2021) e Brandão e Rosa (2018; 2022).

Primeiramente, apresentamos uma perspectiva geral do contexto e conceitos envolvidos no âmbito da aprendizagem da linguagem escrita e da primeira etapa da educação básica - E.I. Na segunda e terceira partes, traremos o olhar dos autores supracitados sobre essa temática. Por fim, analisamos os resultados estabelecendo um enfoque comparativo entre as perspectivas e concepções dos autores, buscando destacar onde suas teorias se tocam.

METODOLOGIA

Com o propósito de alcançar nosso objetivo - *Discutir, a partir de uma revisão de literatura, o papel da educação infantil no processo de apropriação da linguagem escrita pelas crianças de 4 e 5 anos*, realizamos uma pesquisa bibliográfica a partir de livros que permitiram evidenciar definições e concepções acerca da nossa temática. A pesquisa bibliográfica é importante pois “coloca o pesquisador em contato direto com tudo que foi escrito, dito ou filmado.” (LAKATOS e MARCONI, 2006, p. 166)

Assim, a partir da discussão teórica, relacionamos o que foi dito, contrastando as falas dos autores apresentando os pontos em que eles se assemelham.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Apresentamos a seguir uma perspectiva geral no âmbito da aprendizagem da linguagem escrita e da primeira etapa da educação básica - E.I. Deste modo, projetamos contextualizar nosso estudo, assim como, levantar as primeiras reflexões.

2.1. CRIANÇA E LINGUAGEM ESCRITA: BREVE PERSPECTIVA SOCIAL E POLÍTICA

O envolvimento da criança com a escrita se inicia bem antes da sua entrada na escola. Nas palavras de (LURIA, 2017, p.143), essa história “começa muito antes da primeira vez em que o professor coloca um lápis na mão de uma criança e lhe mostra como formar as letras.” Ou seja, as crianças vivenciam fora do contexto escolar situações de interação com a escrita, a partir de práticas de uso social, e vão construindo e reconstruindo saberes a partir das práticas que são inseridas, dando sentido e significado à linguagem escrita

Entretanto, por vivermos em uma sociedade marcada pelas diferenças sociais, sabemos que as práticas de escrita não são experienciadas de forma semelhante por todas as pessoas. Nesse entendimento, Soares (2021) afirma que as crianças trazem saberes distintos com relação à língua escrita, adquiridos em suas experiências individuais no contexto familiar, social e cultural e esse deve ser o ponto de partida para que elas evoluam na compreensão do sistema de escrita alfabética.

Percebemos assim, que nos primeiros anos da Educação Básica a interação com a linguagem escrita deve fazer parte das experiências vivenciadas pelas crianças, observando como nos afirma o Documento Curricular Referencial do Ceará - DCRC⁵ (2019), os seus direitos de aprender a partir das interações e da brincadeira, e respeitando o ritmo de cada uma, além da compreensão que elas aprendem desde o nascimento. Assim, poderão participar de atividades de escrita ampliando os seus conhecimentos na construção de uma aprendizagem significativa sobre o SEA, percebendo-o não como um código mas como

5 Documento constituído por diretrizes e linhas de ações básicas que configuram o Projeto Curricular do Ceará, construído à luz da Base Nacional Curricular - BNCC. (CEARÁ, 2019)

um sistema notacional, partindo das suas primeiras conceitualizações sobre a escrita para serem ampliadas até que avancem para o nível alfabético.

A BNCC, reforça a compreensão de que as crianças se interessam pela escrita ao seu redor e ainda, que na Educação Infantil, deve-se aproveitar essa curiosidade para favorecer essa imersão na cultura escrita:

Desde cedo, a criança manifesta curiosidade com relação à cultura escrita: ao ouvir e acompanhar a leitura de textos, ao observar os muitos textos que circulam no contexto familiar, comunitário e escolar, ela vai construindo sua concepção de língua escrita, reconhecendo diferentes usos sociais da escrita, dos gêneros, suportes e portadores. Na Educação Infantil, a imersão na cultura escrita deve partir do que as crianças conhecem e das curiosidades que deixam transparecer. (BNCC, 2017, p.42)

Entretanto, mesmo com os documentos norteadores e com pesquisas na área, o debate sobre o desenvolvimento da linguagem escrita na E.I. ainda são bem tensos e contraditórios, principalmente quando são inseridos o termo alfabetização e seus conceitos. O entendimento acerca dessa temática não é unânime e suscita uma ampla reflexão. Afinal, podemos falar sobre alfabetização na E.I.? De que concepção estamos falando? Quando a criança pode iniciar essa aprendizagem e qual o papel da E.I. nesse processo?

Considerando o contexto apresentado e as reflexões iniciais, trazemos a seguir as ideias de autores e pesquisadores que discutem sobre essa temática subjacentes às obras já especificadas.

2.2 O OLHAR DE SOARES (2021) E MORAIS (2012)

No seu livro *Alfalettrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever*, Soares (2021, p. 43), nos diz que quando uma criança se apropria do sistema de escrita alfabética, ela “aprende que uma palavra oral é uma cadeia sonora independente de seu significado, assim como ela é passível de ser segmentada em pequenas unidades; aprende que cada uma dessas pequenas unidades sonoras da palavra é representada por formas visuais específicas - as letras.” O percurso desse aprendizado nos é apresentado a partir de escritas de crianças, observadas por

mais de dez anos, em escolas públicas, em situações reais de atividades de alfabetização, com o objetivo pedagógico de compreender “o processo cognitivo e linguístico ao longo da evolução de conceitualização das crianças com relação à língua escrita.”(SOARES, 2021, p. 57)

Vivemos em uma sociedade letrada no qual a escrita está por todos os lugares, aos olhos de todos, inclusive das crianças, que desde muito pequena, como nos diz Soares (2021), a partir da sua interação com a língua escrita no meio sociocultural e familiar em que vivem vão construindo seus primeiros conceitos sobre a escrita. A partir desses conhecimentos trazidos à escola, Soares (2021), compreende a importância da mediação do professor que considerando esses saberes, possibilita às crianças reconstruir os seus conhecimentos e assim avançar em seu nível de desenvolvimento. Assim, “nesse período inicial, não se trata propriamente de ensinar, mas de exercer a mediação da aprendizagem, atuar na zona de desenvolvimento proximal, acompanhando as capacidades disponíveis em cada momento do desenvolvimento da criança[...].”(SOARES,2021, p. 119)

As atividades sugeridas favorecem às crianças de 4 e 5 anos, uma interação com práticas de letramentos e reflexões sobre as palavras, permitindo que elas façam novas descobertas refletindo sobre a sua própria escrita, explorem textos de forma lúdica, jogos e brincadeiras com palavras, sempre pensados a partir de uma intencionalidade com e para as crianças. A partir das tentativas de escrita, a professora identifica o que ela já sabe, para então elaborar intervenções pedagógicas para que elas avancem em seu processo de aprendizagem. Soares (2021) nos chama atenção sobre a importância de oportunizar em sala de aula momentos de escritas espontâneas e que esses momentos devem acontecer com frequência desde a E.I.

Com isso, percebemos que as primeiras conceitualizações sobre a linguagem escrita são indicadas pelo pensamento da criança em um processo contínuo, progressivo e não linear, que já se inicia na E.I. De tal forma, “o objetivo de incentivar e orientar essa evolução desde a E.I. é que a criança, já compreendendo bem a relação fala-escrita, tenha condições de atingir o ponto de chegada, a aprendizagem das relações fonemas-letras, tornando-se alfabética.”(SOARES, 2021, p. 113, grifos da autora.)

Segundo Morais (2012, p. 49, grifos do autor), embasado na teoria da psicogênese da escrita (FERREIRO, 1985), para a criança

compreender o SEA, precisa dar conta de dois enigmas: “O que a letras representam, (ou notam, ou substituem)?; Como as letras criam representações (ou notações)? (Ou seja, como as letras funcionam para criar representações/notações?).” O autor também nos fala que essa teoria nos ajuda a compreender que a tarefa do alfabetizando não é aprender um código, mas sim se apropriar de um sistema notacional.

Nas descobertas que a criança realiza durante a aquisição da escrita, avançando de um estágio para outro, o autor chama a nossa atenção para a importância da consciência fonológica, habilidade de refletir sobre os segmentos sonoros das palavras, que se apresentam essenciais, principalmente nas etapas iniciais do processo, para que a partir de reflexões sobre as palavras, a criança vá reconstruindo seus saberes com relação a escrita alfabética. (MORAIS, 2012) Diante disso, defende juntamente com Silva, que

[...] “é tarefa da escola de Educação Infantil ajudar as crianças nesse jogo de reflexão sobre algo cada vez mais presente em nossa cultura - as palavras escritas -, para que, sem traumas ou massacres, tenha sucesso na bela empreitada que é a compreensão do sistema alfabético.”(MORAIS; SILVA, 2021, p. 89)

No início deste tópico mencionamos que as crianças já chegam à escola com saberes adquiridos nas práticas que vivenciam em seu contexto social e familiar e que essas práticas não são oportunizadas para todos de igual forma. É partindo dessa situação que Morais (2012) reverbera a importância de se iniciar o ensino de apropriação do SEA ainda na EI, em consonância com atividades de letramento, envolvendo as crianças com atividades de leituras e produção de texto, com o intuito de diminuir as desigualdades sociais, com o propósito de “enfrentar o *Apartheid* educacional existente em nosso país”. (MORAIS, 2012, p.116)

De acordo com Morais (2012), deve-se favorecer às crianças, principalmente da escola pública, o direito de conviver com a escrita em que eles tenham a oportunidade de fazer as suas descobertas, e refletir sobre as palavras tal qual crianças de grupos sociais mais favorecidos. E assim, no percurso de aprendizagem do SEA, possam traçar seu percurso de forma significativa e com sentido, construindo em cada etapa

do processo respostas para as perguntas sobre o que as letras representam e como elas criam essas representações

2.2 O OLHAR DE BRANDÃO E ROSA (2018; 2022)

Veremos a compreensão de algumas autoras dentro de duas obras: *Ler e escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas* (Brandão e Rosa, 2018) e *A aprendizagem inicial da língua escrita com crianças de 4 e 5 anos: mediações pedagógicas* (Brandão e Rosa, 2022).

Brandão e Leal (2018), levando em conta o percurso histórico, apontam três caminhos para o trabalho com a linguagem escrita nas turmas de E.I., anos finais:

- a. *A obrigação da alfabetização* - Subjacente a esse olhar, há a ideia de aquisição de um código, memorização e ênfase nas habilidades perceptuais e motoras. Temos aqui o uso de cartilhas e o trabalho exaustivo com letras e famílias silábicas;
- b. *O letramento sem letras* - Compreende o inverso da visão anterior. Caracterizado assim, pela ênfase dada a outros tipos de linguagens, excluindo-se a linguagem escrita. A alfabetização é compreendida como conteúdo escolar e portanto, não admitida na Educação Infantil;
- c. *Ler e escrever com significado na Educação Infantil* - De acordo com as autoras, esse percurso nega os dois anteriores. Mostra-se um caminho onde "(...) a alfabetização passa a ser e o processo de apropriação do Sistema de Escrita Alfabética - SEA, sem desconsiderar outras vivências e necessidades infantis. De forma resumida, entendida como um longo processo que começa bem antes do ano escolar em que se espera que a criança seja alfabetizada e consiga ler e escrever pequenos textos." (BRANDÃO; LEAL, 2018, p. 20). De uma forma geral, nesse contexto, aproveita-se a bagagem de conhecimento trazida pelas crianças, ampliando as oportunidades de interação com a escrita. Assim:

"[...]neste terceiro caminho aponta-se a possibilidade de ensinar a escrita na Educação Infantil de forma sistemática, incluindo aspectos relativos à apropriação do sistema alfabético de escrita, sem desconsiderar os objetivos e

as atividades no eixo do letramento, bem como outras necessidades relativas ao desenvolvimento e vivências da infância.”(BRANDÃO; ROSA, 2018, p. 21)

Uma grande preocupação das autoras consiste na ausência de um debate mais amplo sobre alfabetização e E.I. Desse modo, a falta de esclarecimentos e reflexões coletivas a despeito disso, corroboram para a imposição de tabus e desinformação, que favorecem práticas com pouco ou nenhum significado para as crianças.

No universo de cada escola, seja pública ou privada, uma certa alfabetização vai sendo aplicada cada vez mais cedo e gerando práticas totalmente desprovidas de sentido. Surgem aí investidas na aprendizagem de letras isoladas, da memorização das famosas famílias silábicas e das cópias destituídas de qualquer contexto para as crianças. Muitas crianças vão sendo alfabetizadas, mas a que custo?

Em contrapartida, há, como supracitado, um olhar que se caracteriza por dar destaque ao trabalho com outras linguagens como a corporal, musical, entre outras, em detrimento da linguagem escrita - “*O letramento sem letras*”. Essa visão, por si só, acompanha-se da falta de preparo das professoras no caso de surgir interesse da criança por essa aprendizagem. Não se fala sobre isso, logo não se sabe promover intervenções nesse intento. Nesse pensamento, Brandão e Leal (2018) trazem Stemmer:

Como comumente a aprendizagem da leitura e da escrita não tem sido sequer considerada na Educação Infantil, o que existe é um total desconhecimento do assunto. O resultado mais imediato é que os professores diante do evidente interesse demonstrado pelas crianças em querer aprender a ler e escrever ficam sem saber o que fazer, e em muitos casos, acabam por reproduzir práticas de ensino a que eles próprios estiveram submetidos em suas experiências escolares, sem, no entanto, terem o conhecimento necessário para compreender as razões do que fazem e sem subsídio teórico algum para alicerçar suas práticas. (STEMMER, 2007, p. 136 *apud* BRANDÃO; LEAL, 2018, p. 19)

Como foi possível perceber, as duas perspectivas, *a obrigação da alfabetização* e *o letramento sem letras*, corroboram com uma visão de alfabetização e letramento que concorrem entre si, que são opostos.

Nesse estudo, as autoras defendem unir atividades de sistematização com outras propostas que envolvam práticas sociais, e que isso pode ser feito quando olhamos para o terceiro caminho: *Ler e escrever com significado na Educação Infantil*. Essa perspectiva corrobora com os estudos de Ferreiro que destacam a compreensão de que as crianças pensam e elaboram hipóteses sobre a escrita mesmo antes de serem alfabetizadas e que isso justifica um possível trabalho com as crianças desde cedo. Nesse propósito, temos:

[...] não é obrigatório dar aulas de alfabetização na pré-escola, porém é possível dar múltiplas oportunidades para ver a professora ler e escrever; para explorar semelhanças e diferenças entre textos escritos; para explorar o espaço gráfico e distinguir entre desenho e escrita; para perguntar e ser respondido; para tentar copiar ou construir uma escrita; para manifestar sua curiosidade em compreender essas marcas estranhas que os adultos põem nos mais diversos objetos. (FERREIRO, 1993, p. 39)

Assim, Brandão e Rosa (2021), consideram não ser possível fechar os olhos para a questão da alfabetização na E.I. As crianças desde a mais tenra idade, lutam para entender, compreender e representar o mundo. Desde que nascem, estão inseridas em situações que envolvem leitura e escrita, mesmo antes de chegarem ao ensino fundamental.

Toda a argumentação trazida ao longo das obras de Brandão e Rosa (2018; 2021), consiste em compreender boas práticas no eixo da alfabetização com crianças de 4 e 5 anos em um contexto de significado para elas e em “diálogo com práticas de uso social da leitura e da escrita”. (BRANDÃO, 2021, p. 23). Em outras palavras, concebem a alfabetização na perspectiva do letramento desde a E.I. e recomendam para tal, cinco blocos de atividades:

- a. Atividades que promovem práticas de leitura e escritas significativas e semelhantes às vivenciadas no contexto extraescolar;
- b. Atividades que promovem a escrita e a leitura pelas próprias crianças;
- c. Atividades e jogos que estimulem a análise fonológica de palavras com e sem correspondência com a escrita;

- d. Atividades e jogos que estimulam a identificação e a escrita de letras, e o reconhecimento global de certas palavras;
- e. Atividades e jogos que estimulam a discriminação perceptual e a coordenação viso-motora.(BRANDÃO; ROSA, 2021, p. 36)

A partir de propostas pedagógicas que compõem esse bloco de atividades, as autoras compreendem que “[...] o eixo de trabalho com a alfabetização, é preciso perceber os sinais que as próprias crianças vão nos dando acerca do que realmente lhes interessa nesse universo da língua, em sua forma escrita”. (BRANDÃO, 2021, p. 36). É preciso ressaltar que essa compreensão até aqui evidenciada, demonstram uma concepção de criança como sujeito potente, em conformidade com as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009), em seu Artigo 4º, que definem a criança como:

sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009, p.10)

Na mesma esteira, a concepção de alfabetização adotada pelas autoras, concebem essa prática como um processo, vivenciada em ações articuladas com os usos sociais da escrita - o letramento. Mais especificamente na E.I., “[...] pensar e repensar a organicidade de uma relação que precisa levar em conta a tríade *ler, escrever e brincar.*” (GIRÃO; BRANDÃO, 2021, p. 42)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através de uma análise comparatista, intentamos relacionar as concepções dos autores e suas obras, buscando evidenciar onde seus olhares se tocam. Depreendemos, portanto, que as obras revisadas compreendem e confluem nos seguintes pontos, descritos no quadro abaixo:

A escrita está por toda parte, ao redor da criança e inserida nas mais diversas práticas sociais. Desse modo, por que esperar até chegar ao ensino fundamental para saciar o desejo da criança de refletir e compreender o SEA? Morais (2021), ressalta inclusive, que essa espera pode contribuir ainda mais para um fosso que já existe entre as crianças da escola pública e privada, o que ele nomeou “*apartheid educacional*”;

A alfabetização e o letramento são processos distintos, interdependentes mas que devem ser simultâneos. Alfabetização vista como processo de apropriação da escrita, conjunto de técnicas e habilidades, enquanto que o letramento seria fazer uso dessas habilidades nas práticas sociais, como aponta Soares (2021). Assim, concebem a alfabetização na perspectiva do letramento, pois defendem que a criança aprende a ler e escrever, lendo e escrevendo nas mais variadas práticas sociais que envolvem o uso da língua escrita. Desse modo, a alfabetização não é vista meramente como aquisição de um código e muito menos como um par de opostos. Ela é entendida como amplo e longo processo evolutivo pelo qual a criança passa nessa construção conceitual de apropriação da linguagem escrita e que se inicia muito antes das salas de alfabetização no ensino fundamental. Portanto, compreendendo que a apropriação da linguagem escrita pela criança pode ser iniciada ainda na E.I. com vistas ao terceiro caminho apontado por Brandão e Rosa (2018;2021), *Ler e escrever com significado na Educação Infantil*;

A sistematização não é compreendida como algo “enfadonho, repetitivo ou mecânico”(Brandão e Leal, 2018, p. 30), e sim, como planejamento e organização de boas mediações pedagógicas, repletas de intencionalidade e significado para crianças;

Configura-se fundamental importância ao papel mediador do professor com boas intervenções para que as crianças avancem na apropriação do SEA, levando em conta os interesses delas, respeitando o seu ritmo de aprendizagem e o que elas já sabem a partir de suas experiências vividas;

A apropriação do SEA de forma lúdica, compreendendo situações em que as crianças vivenciem a leitura, a escrita e o brincar;

As concepções evidenciadas são embasadas na teoria da psicogênese e assevera a importância de ter como cerne, a criança como um sujeito no processo de aprendizagem;

Compreendem que muitas são as práticas que favorecem a apropriação do SEA pelas crianças ainda na E.I., e que algumas atividades são indispensáveis quando se considera alfabetizar letrando.

Quadro 1 - Entrelaçando olhares

Fonte: Elaborado pelas autoras

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, buscamos discutir, a partir de uma revisão de literatura, o papel da Educação Infantil no processo de apropriação da linguagem escrita pelas crianças de 4 e 5 anos. Nesse propósito, revisamos obras mais recentes de autores relevantes nessa temática para assim apreendemos suas concepções em busca de reflexões e respostas ao nosso objetivo central.

As leituras empreendidas revelaram que a E.I. tem papel importante no processo de aprendizagem da escrita pelas crianças e muito pode ser feito com o objetivo de oportunizar a elas, situações com a linguagem escrita. Não no sentido de antecipar ou acelerar o processo, mas sim, de naturalizar algo que já faz parte de seu cotidiano. Para tanto, a alfabetização deve ser concebida na perspectiva do letramento com direção ao desenvolvimento de práticas onde a leitura e escrita tenham significado. Nessa compreensão retomamos o que foi dito anteriormente: na E.I., “[...] pensar e repensar a organicidade de uma relação que precisa levar em conta a tríade *ler, escrever e brincar.*” (GIRÃO; BRANDÃO, 2021, p. 42)

Do mesmo modo, mostrou-se considerável o papel mediador do professor oportunizando práticas e intervenções que favoreçam a conceitualização das crianças mediante apropriação da linguagem escrita, visto que elas “[...] formulam e testam hipóteses sobre o que tá escrito ao seu redor e sobre como funciona o nosso sistema de escrita.” (Brandão e Rosa, 2021, p.25) Para tanto, faz-se fundamental compreender esse processo e levar em conta as múltiplas linguagens, integrando essas práticas de leitura e escrita aos mais diversos contextos da rotina escolar onde as crianças estão inseridas, contemplando os princípios norteadores da E.I. - as interações e a brincadeira.

Julgamos imperativo falarmos sobre escrita, leitura, alfabetização e Educação Infantil no mesmo contexto e de uma forma mais ampla e reflexiva. Precisamos relacionar esses temas e trazer à tona discussões, fomentando mais pesquisas científicas que contribuam com práticas permeadas de intencionalidade e sentido promovendo reflexão sobre as práticas docentes à luz das teorias.

Defendemos o espaço da linguagem escrita na E.I., ao lado das outras tantas linguagens como forma de expressão e desenvolvimento, respeitando os saberes e interesses das crianças. Do mesmo modo, inferimos que possibilitar às crianças pequenas oportunidades que contribuam para a apropriação da língua escrita, possibilita inserção social, colaborando para diminuir o fosso existente entre as crianças das camadas mais populares e de crianças de grupos mais privilegiados.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; LEAL, Telma Ferraz (Orgs.). **Alfabetizar e letrar na Educação Infantil:** o que isso significa? *In:* Ler e escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas/ Ana Carolina Perrusi Brandão, Ester Calland de Sousa Rosa. organização. - 2. ed.; 4. reimp. - Belo Horizonte: Autêntica, 2018 (Língua Portuguesa na Escola; 2)

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Esther Calland de Sousa(Orgs.). **Ler e escrever na educação infantil:** discutindo práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Esther Calland de Sousa (Orgs.). **A aprendizagem inicial da escrita com crianças de 4 e 5 anos:** mediações pedagógicas. 1. ed.- Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil.** Brasília, 2010.

_____. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

CEARÁ. Governo do Estado do Ceará/Secretaria de Educação do Estado do Ceará. **Documento Curricular Referencial do Ceará: Educação Infantil e Ensino Fundamental.** Versão Lançamento Virtual (Provisória). Fortaleza: SEDUC, 2019. Disponível em: acesso 26 jun. 2022.

FERREIRO, Emília. TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita.** Tradução Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di marco, Mário Corso. - Porto Alegre: Artmed, 1999.

GIRÃO, Fernanda Michelle Pereira. BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi. **A leitura e a escrita das crianças e com as crianças.** *In:* BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Esther Calland de Sousa(Orgs.). A aprendizagem inicial da escrita com crianças de 4 e 5 anos: mediações pedagógicas. 1.ed.- Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6.ed.3.reimpressão.São Paulo: Atlas, 2006

LURIA, Alexander Romanovick. **O desenvolvimento da escrita na criança**. In. Vigotski, Lev Semenovich; Luria, Alexander Romanovick; Leontiev, Alexis N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone, 2017

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

MORAIS, Artur Gomes de; SILVA, Alexandro da. **Consciência fonológica na educação infantil: desenvolvimento de habilidades metalinguísticas e aprendizado da escrita alfabética e no ciclo de alfabetização**. In: Ler e escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas/ Ana Carolina Perrusi Brandão, Ester Calland de Sousa Rosa. organização.Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SOARES, Magda. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2021